

## **CRITICISMO LITERÁRIO FEMINISTA: PARA ALÉM DO TERRITÓRIO SELVAGEM<sup>1</sup>**

Carolina Alves Ferreira de Abreu (UFAM)<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo direciono-me a desenvolver alguns aspectos acerca do criticismo literário feminista, estudo cunhado por Dona Perry, além de trazer à tona pequenas considerações sobre a teoria de Elaine Showalter, ao considerar a crítica literária como um “território selvagem”. Recorro, ainda, à análise do poema “Exame”, da poetisa portuguesa Luzia Neto Jorge, dentro da perspectiva de ruptura com o cânone e denúncia das relações de gênero.

**PALAVRAS-CHAVE:** Criticismo Literário Feminista; Luiza Neto Jorge; Gênero; Poesia Portuguesa; Exame.

**ABSTRACT:** My aim in this article is to discuss feminist literary criticism, a study proposed by Dona Perry, in addition to making an apparatus of small considerations about Elaine Showalter's theory, by highlighting literary criticism as a “wild territory”. I also use the analysis of the poem “Exame”, by Luzia Neto Jorge, Portuguese poet, within the parameters proposed to break with the canon and denounce gender relations.

**KEYWORDS:** Feminist Literary Criticism; Luiza Neto Jorge; Gender; Portuguese poetry; Exame.

### **CRITICISMO LITERÁRIO FEMINISTA: UMA OUTRA PERSPECTIVA PARA A CRÍTICA LITERÁRIA**

Começo este tópico com uma assertiva de Elódia Xavier, no ensaio intitulado “Para além do cânone”: “seria válida, hoje, em face da pluralidade cultural em que vivemos, a permanência do cânone com seu poder regulador e excludente?” (1999, p. 15). Tendo como base alguns questionamentos como o exposto aqui, relato sobre a importância de rever as leituras já consagradas, porém, importantes no método de dar à crítica feminista na literatura uma perspectiva que foge da crítica oficial e vigente, opondo-se ao patriarcado e às ideias hegemônicas, e, sobretudo, subvertendo o campo literário no que diz respeito a um novo discurso e práticas.

Elaine Showalter (1994), no ensaio “A crítica feminista no território selvagem”, traz à tona algumas perspectivas em que a literatura sempre deixou à beira do seu percurso: o papel

---

<sup>1</sup> Este artigo faz parte do desenvolvimento e da conclusão da pesquisa de mestrado intitulada “Corpos que se enfrentam: um duelo agudíssimo na poesia de Luiza Neto Jorge”, de 2018, com algumas adaptações.

<sup>2</sup> Possui graduação em Letras - Língua e Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas (2016), mestrado no Programa de Pós - Graduação em Letras Estudos Literários, na Universidade Federal do Amazonas (2018). E-mail [deabreu.carol@hotmail.com](mailto:deabreu.carol@hotmail.com)

da mulher enquanto leitora, escritora e sua representação na obra literária. “Um território selvagem” que solicita um cuidado ao ser mencionado, visto que diante de uma tradição literária, é árduo o trabalho de realizar um estudo conciso sobre as questões de gênero presentes na Literatura. Admito os limites, as tantas teorias que envolvem a temática das mulheres (pluralidade de tantas) – necessárias –, mas me ateno a algo mais preciso a se pensar, a fim de que se possa tornar mais compreensível a realidade da literatura quando se fala em crítica feminista.

Delimito os argumentos aqui tratados à corrente teórica norte-americana, ou anglo-saxônica, que tem alguns principais pontos: a denúncia da imagem estereotipada da mulher representada na tradição literária, a denúncia acerca do patriarcado vigente na literatura tradicional e o lugar da mulher enquanto escritora, dando ênfase à necessidade de recuperar obras escritas por mulheres que foram silenciadas na história da literatura. Showalter, nesse viés, salienta que “a crítica feminista era um ato de resistência, uma confrontação com os cânones e julgamentos existentes” (SHOWALTER, 1994, p. 25), no qual propõe uma revisão das estruturas aceitas, por meio de um “conflito revigorante com a literatura” (1994, p. 24), que ela chama de crítica feminista.

O que a crítica feminista propõe é o resgate tanto da autoria da mulher quanto da sua representação nas obras das mesmas, excluídas em sua maioria do cânone. Incluo a mulher enquanto leitora e crítica literária. Afinal, e finalizo com as palavras de Elódia Xavier, “para além do cânone, há muito mais do que supõe o nosso relativo conhecimento” (1999, p. 21).

Ao propor a análise crítica do poema, fundamento-me na ideia daquilo que se pode chamar de criticismo literário feminista, na concepção de Donna Perry, em “A canção de Procne: a tarefa do criticismo literário feminista”, para desenvolver o olhar minucioso à literatura, mas também à forma não científica “distante, autoritária, cheia de juízos, objetiva” (1997, p. 315) de análise. Com outra abordagem, o criticismo almejou “uma forma mais subjetiva e empática, que lhe permitisse escrever numa linguagem mais pessoal” (1997, p. 315). Posicionar-me enquanto mulher e crítica feminista corresponde a uma forma política engajada. É nessa perspectiva que pretendo observar o poema. Sem peso, e sim empenhada na conjuntura de um mundo outro, de uma literatura outra, como foi a proposta estética de Luiza Neto Jorge.

Como uma posição política, o criticismo literário “abrange uma ampla variedade de ideias” (PERRY, 1997, p. 316), no que se refere à vivência diferente de cada crítica literária hegemônica. Isso possibilita pensar um campo de estudo que enfoque a expressão feminina e, assim, modificar e contrapor a ideologia patriarcal.

Ler e analisar um texto literário é um processo “pessoal e político” (PERRY, 1997, p. 322), tarefa que demanda uma íntima relação entre a experiência da mulher que escreve a literatura e a experiência da crítica a valorá-la. Perry (1997) chama de *recurso intelectual*, ou seja, a subjetividade como prática para a análise literária, dialogando com as ideias de Patrocínio P. Schweickart:

A questão não é meramente interpretar a literatura de várias maneiras; a questão é *modificar o mundo*. Não podemos nos permitir ignorar a atividade de ler, pois é aqui que a literatura é realizada como práxis. A literatura age no mundo agindo sobre seus leitores (PERRY, 1997, p. 322).

A afinidade entre a vida das mulheres e aquilo que escrevem reitera outro modo de se posicionar na crítica literária: uma prática entre o olhar da escrita crítica e o da escrita literária propriamente definida em uma abordagem feminista. Perry (1997) cita Virginia Woolf em uma bela passagem sobre o sentimento de não se encontrar, ou não obter uma voz definida, dentre a crítica literária tradicional à imagem masculina:

Sinto... no mais íntimo de minha mente, que sou capaz de delinear um novo método crítico: algo bem menos rígido e formal... E como, pergunto a mim mesma, poderei fazê-lo? Deve haver algum meio mais simples, mais sutil, mais acurado de escrever sobre livros, como sobre pessoas, se pelo menos eu pudesse descobri-lo (WOOLF *apud* PERRY, 1997, p. 315).

Ao ler esse fragmento da escritora britânica, e observar o modo como a mesma se põe enquanto crítica literária, tecer considerações sobre a análise crítica do poema faz-se preciso. Concordo com Virginia, e aqui me posiciono a respeito da sua desilusão sobre o método de análise enfadonho e estipulado sob os moldes hegemônicos do discurso masculino. O posicionamento para discorrer sobre o poema, mais especificamente no presente trabalho, toma como base tal aspecto. Com o motivo de demonstrar novos arredores sobre a literatura e a mulher, seu empenho e sua visibilidade no campo intelectual tão permeado e consolidado pela figura do homem, é que se busca uma expressão.

## **PORTUGAL E O ESTADO NOVO: AFINIDADES DA HISTÓRIA COM A LITERATURA**

Não se pode analisar a criação literária de Luiza Neto Jorge sem conhecer o contexto em que a mesma foi delineada. O Estado Novo, instaurado por António Salazar, dominou o

ambiente português por mais de 40 anos, “a mais longa da Europa” (TAVARES, 2011, p.175), diante de um projeto ideológico hegemônico que propunha um resgate da tradição portuguesa.

No ensaio “O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo”, do historiador Fernando Rosas, torna-se mais compreensível a realidade experienciada, além de demonstrar as ideias ditatoriais salazaristas, atreladas aos “domínios da propaganda, da educação nacional, da criação de uma «cultura popular», da orientação e controlo dos lazeres, da política do regime para as mulheres” (ROSAS, 2001, p. 1031).

Joaquim Manuel Magalhães disserta acerca da poética de Luiza: “No âmbito da escrita dos nossos anos 60, ela representa um dos lugares cimeiros” (1981, p.206), dando a sua poesia um tom de forte renovação e rebelação, mas também de importância no que tange à maneira como ultrapassa o passado e a tradição literária e social, representando “um dos módulos de alteração significativa da nossa poesia” (1981, p. 206).

Jaime Ginzburg define a experiência da literatura como o artista perpassa ou vive uma época violenta: “experiência da formação social calcada em autoritarismo e opressão” (GINZBURG, 2000, p.45), somada à importância da linguagem, quando “o questionamento dirigido ao estatuto da linguagem, dos modos de representação e das formas artísticas tradicionais está ligado a uma busca de renovação da expressão” (GINZBURG, 2000, p. 47), espreitando, assim, a busca da arte enquanto elemento que resiste às formas de opressão.

O século XX inicia de forma fragilizada por causa da eclosão da Primeira Guerra Mundial, revelando, conforme palavras de José Carlos Zuin: “um decisivo problema, seja no campo da poesia e da literatura, seja no domínio da filosofia e das recentes ciências humanas” (2001, p. 67). É perante um contexto semelhante a esse, de turbulência da ditadura em Portugal e de resquícios de um mundo saturado, que a poesia de Luiza atravessa. Diria ainda mais: em que o poema se intercala entre aquilo a ter que dizer e aquilo a ter que transformar, pela escrita e na escrita.

O ideário do regime salazarista era o de buscar formas pelas quais a naturalização da diferença entre os gêneros (fator biológico) fosse um dos pontos a moldar a relação entre família e Estado, tão imbricados no sistema. “Uma forte orientação ideológico” (TAVARES, 2011, p. 63) foi imposta na sociedade portuguesa, e isso sem dúvida configurou a não aceitação de outras formas de pensamento, daí as ideias feministas como uma delas. Não restrinjo o pensamento de aversão ao feminismo apenas aos homens, mas também às mulheres, que vivenciaram a condição de donas do lar, esposas e mães como funções natas suas.

Salazar buscou, perante uma imagem sua demonstrada como um homem de respeito e de admiração pelas mulheres, apoio destas. Ainda “procurou apoiar-se numa elite feminina e é

baseado nela que o Estado Novo lançou as suas organizações femininas” (TAVARES, 2011, p. 67). Dentro da noção sobre a formatação da sociedade portuguesa, o feminismo, como ideia adversa ao sistema ditatorial, desfaz o conceito de esposa, de mãe, de senhora do lar ou de religiosa: “é, deste modo, considerado uma ameaça à <natureza> da mulher, à instituição familiar, à natalidade, aos <bons costumes>” (TAVARES, 2011, p. 68). Um inimigo à espreita, fomentador da emancipação da mulher em todas as esferas das quais ela mesma quiser se libertar.

### **“EXAME”:** A REVOLTA DAS PALAVRAS

Embora a ruptura da poesia de 60 (época de início da produção de Luiza Neto Jorge) tenha se designado, conforme Anna Klobucka, em *O formato mulher: a emergência da autoria feminina na poesia portuguesa*, como “um período de renovação autoconsciente da teoria e prática do discurso poético em Portugal” (2009, p. 204), foi, ainda, uma maneira de relacionar as nuances do texto ao aspecto social e especificamente feminista, o que Klobucka chama de “materialidade do texto” (2009, p. 205) e “textualidade da matéria” (2009, p. 205).

De outro modo, quando penso a formatação, retornam-me os versos do poema de Luiza intitulado “Quarta dimensão”, no qual Klobucka (2009) analisa o questionamento acerca das projeções de conhecimento que o ser humano é obrigado a aceitar e a vivenciar. O que se torna presente no poema a princípio é exatamente o modo como se vê o mundo por um senso cotidiano, comum, desde a infância: “A geometria lembrou-se na escola / no fundo quadrado da sacola de pano / gato com olhos redondos / tamanho aborto de esferas / maçã losangada num prato rectângulo / de quadro negro branco e negro de linhas” (JORGE, 2001, p. 47).

Se existe a concretude das coisas como se vê constantemente: gato de olhos redondos, quadro quadrado e negro – o que se poderia pensar ainda como projeção social sempre muito retilínea, em que nada pode estar fora do seu devido lugar –, há também a ruptura com as formas como as conhecemos: “O menino que vive dentro de nós / roubou o giz da caixinha / do professor quadrado sagrado // e pintou os olhos do gato de todas as cores do giz / e pintou a maçã de todas as cores / e pintou o prato de todas” (JORGE, 2001, p.47). O que motivo demonstrar é a desconstrução da ideia contida nos primeiros versos apresentados acima, a saber, o desenrolar da imagem do menino que reinventa a geometria outrora restrita. Além das três dimensões (altura, profundidade e largura), haveria uma outra, “já que nada é possível só com três dimensões” (JORGE, 2001, p. 48)?

Toda a perspectiva de reinvenção, de ressignificação, ou ainda de redescoberta, ou o que Anna Klobucka define como “inventariar” (2009, p. 209), eu chamaria de quarta dimensão, na poesia de Luiza, o que contém, sobretudo, a temática feminista e das relações de gênero, especialmente o modo como se pode repensar saberes e estruturas consolidadas e hierárquicas, sejam nas relações entre aluno e professor, como o fato do menino ter roubado o giz da caixinha do professor quadrado sagrado, e ter na ação uma ruptura novamente, como no poema “Exame”, relacionado às questões de gênero:

Pode

pode sentar-se senhora

Eu não sou senhora não sou menina  
sem olhos sem ouvidos fala  
sento-me que de pé sou um balão vazio  
pois sento-me embora haja frio  
e cor na sala  
harpias de esquecimento  
riscos na carteira  
e a ciência inteira casqueando ideias  
puzzles legiões de ideias  
que são novas velhas  
Sento-me

evidentemente  
circunspectamente  
irremediavelmente

senhor professor doutor

Eu não sou senhor professor doutor  
minha não-senhora minha não-menina  
e se estou de pé é ilusão de óptica  
eu estou sentado todos nós sentados  
isto é não rígidos não equilibrados

Decerto que é isso que o senhor me diz  
ao princípio é mundo  
ao princípio é deus  
ao princípio é homem  
ao princípio é fim

Passam aviões o céu está vermelho  
que será de mim  
artista batido  
persiana branca  
uma mulher nua  
perdição do homem  
ao princípio é ela  
e depois sou eu

Já sabem que o outro era esse mesmo  
construiu um vácuo e deitou-se a esmo  
de cabeça ao caos  
os homens são maus  
não são não senhor pode ser que seja  
apenas temor  
o que é é pode ser que seja  
apenas não ser

pleno é vazio  
sei lá o que é pleno  
sei lá o que é vazio  
pode ser plano pode ser navio  
sei lá que é destino dão-lhe muitos nomes  
um só lhe convém  
as árvores cortam o meu pensamento  
o tinteiro tem qualquer sangue dentro  
mas no homem não há tinta livre  
fácil liberdade  
há facilidade  
há atrocidade  
são palavras válidas colhidas no vento  
sim professor senhor professor doutor

Estou de pé dentro nem de alma alguma  
cinzeiro de cinza cindida  
não vale a pena dizer que me sinto  
homogéneo átomo  
como um voo sem asas

aflito esquisito heraclito  
não grito dizem que é feio um homem gritar  
mas eu sou uma mulher  
já me esquecia eu não sou mulher  
de análise psíquica  
quid emocional  
não olhem para mim  
a voz perdeu-se  
a voz encontrou-se  
nada é por mal

e mais  
se não fosse estrada das mil direcções  
era um verme triste  
um cão acossado  
o qual possuía uma biblioteca  
eu também algures uma discoteca  
sem caos sem destino que vai ser de nós

Meu amor vivias muito antes de Cristo  
não percebo isto  
a morte que é vida  
a terra redonda o barco na onda  
cai um grão de pó em cada demora

senhor professor doutor  
senhor professor  
senhor  
se

Já passa da hora

(JORGE, 2001, p.50)

O poema estabelece-se perante duas figuras que ora se relacionam, ora se distanciam numa realidade que se torna inferior para uma delas: a mulher, mesmo quando esta procura em

todo o poema não se categorizar, para ter que se esquivar do conceito estereotipado a mesma. Marco o gênero pelo modo como o professor doutor a apresenta no diálogo: “senhora”. Diálogo, e por que não conflito, que deixa o leitor em alguns momentos da conversa à deriva quanto a quem passa a ser o professor ou a senhora, para este, ou para esta a não senhora, a não menina, a “sem olhos sem ouvidos fala”? Perceba pelo título do poema “Exame” que este se trata de uma avaliação; ao que tudo indica, e a princípio, o diálogo é iniciado pela figura do homem, que mostra em seu ambiente uma autoridade, ao propor a assertiva “pode sentar-se senhora”.

Na seguinte estrofe, o que se percebe é uma quebra da formalidade observada na primeira, ao presenciar uma figura “sem olhos sem ouvidos fala” diante de uma figura imponente marcada no fim por “senhor professor doutor”. Ao se conceituar de tal maneira, traceja a estrofe inteira a sua forma de se ver diante de tal figura oposta a sua, mas ainda, em tom de ironia, o modo como encara o ambiente do meio científico e dos conhecimentos de modo geral tão fundamentados no androcentrismo<sup>3</sup>: “a ciência inteira casqueando ideias”, esta “legião de ideias / que são novas velhas”.

Senta-se, pois de pé sente-se “um balão vazio”, em menção a aceitar a proposta do professor na primeira estrofe. Embora se sinta em indicação de inferioridade à frente de alguém que permanece em pé, sua conduta é de alguém que não se submete inteiramente. Senta-se, mais uma vez, “evidentemente/ circuspectamente/ irremediavelmente”, como tem de ser uma mulher.

Na terceira estrofe o senhor professor doutor não se detém: “Eu não sou senhor professor doutor”, retomando o que a suposta aprendiz, aluna, já havia dito ao mesmo ao tê-la marcado o gênero, como forma de tornar o diálogo menos conflituoso. Mas o que se sucede é um certo duelo, divagações: “ao princípio é mundo / ao princípio é deus / ao princípio é homem / ao princípio é fim”, pensamentos emanados pela “não-senhora” / “não-menina”. À medida que o professor doutor tenta amenizar a conversa, a aluna resiste, na insistência de conduzir sua verdade, suas ideias.

O entrave permanece, e se mostra nítido na estrutura do poema, na fusão das pessoas, como num enfrentamento, no diálogo que é, no decorrer dos versos, do professor, da não-senhora, presente em: “os homens são maus / não são não senhor pode ser que seja / apenas

---

<sup>3</sup> “Um sistema de pensamento centrado nos valores e identidade masculinos, no qual a mulher é vista como um desvio à norma, tomando como referência o masculino. Ao longo da História, o homem foi visto como a origem da filosofia, do pensamento, das mudanças sociais e ambientais, das próprias revoluções socioculturais. Neste sentido, na diferenciação dos sexos, o homem toma um lugar de destaque e de poder, até na própria linguagem, sendo a pluralidade identificada com a expressão masculina” (MACEDO; AMARAL, 2005, p. 3).



temor / o que é é poder ser que seja / apenas não ser. Nesses versos, os diálogos fundem-se de uma forma que a própria escrita se torna ambígua. No seguinte verso: “o que é é pode ser que seja / apenas não ser”, parece-me que há uma suposta interrogação em “o que é”, em relação ao que seria “apenas temor”. A aluna responde novamente: é (com uma pausa) pode ser que seja apenas não ser, sem saber como definir o “temor” dos “homens maus”, definindo-os como “apenas não ser” Ou tão explícito na sétima estrofe:

aflito esquisito heraclito  
não grito dizem que é feio um homem gritar  
mas eu sou uma mulher  
já me esquecia eu não sou mulher  
de análise psíquica  
quid emocional  
não olhem para mim  
a voz perdeu-se  
a voz encontrou-se  
nada é por mal

Os versos da estrofe me parecem perturbadores, intencionalmente marcados no texto, no momento em que me deparo com a marcação do gênero masculino no começo da estrofe e logo depois uma aproximação, reconhecimento com o gênero oposto, a mulher, ou quem sabe, ainda, com categorias que fogem de tais definições. O verso “não grito dizem que é feio um homem gritar” reitera os modos que privam, controlam a externalização das emoções dos homens e das mulheres, tendo de se privar, já que há um conceito criado para cada um. Se o homem não pode gritar, a mulher pode, e é de sua natureza (pressuposto biológico presente na ditadura salazarista).

O que se percebe no decorrer de “Exame” é uma mistura, confusão, quando o intuito é deveras o de destruir certezas, os poderes estabelecidos, a hegemonia não somente da figura do homem enquanto autoridade, mas, sobretudo, das noções de conhecimento estabelecidos no ensino e no autoritarismo tão evidente. Uma espécie de subversão afetiva, ou como mencionou Rosa Maria Martelo (2007): a língua como um exercício inovador e subversivo em meio as suas práticas e construções.

O exame aqui tem o sentido de avaliação de saberes – uma crítica também ao sistema educacional português – e a própria conjuntura dos diálogos (embates) atesta a isso. Como se houvesse um tempo determinado: “cai um grão de pó em cada demora // senhor professor doutor / senhor professor / senhor / se // Já passa da hora”, a avaliação finda, e a voz da aluna é omitida, é calada, por meio da conjunção “se”, na ideia de condição para algo a ainda ser dito ou feito, no sentido de censura para qualquer outro ato, presente no verso “Já passa da hora”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação da literatura com os estudos de gênero é nítida no momento em que a história da consolidação masculina no meio literário se faz presente, a começar pela produção muito mais intensa feita por homens, ou ainda o modo como a mulher é vista em inferioridade. Outro ponto crucial é a crítica literária: Dona Perry propôs uma reinvenção na categoria, e dentro desse viés, conduzi o desenrolar do presente trabalho colocando-me em primeira pessoa, posto que sua teoria crítica direciona a atenção da leitura crítica feminista ao texto, compreendendo que o gênero pode ter grande intervenção a forma como se vê a realidade e sua construção. Assim, procurei evidenciar de modo teórico e prático a condição da mulher no meio literário, mas também as formas de denúncia evidenciadas nos versos da portuguesa Luiza Neto Jorge.

Tanto o criticismo literário feminista de Perry quanto o território selvagem proposto por Showalter retratam bem a perspectiva de como é preciso reinventar o espaço canônico literário, de modo que não somente as escritoras mulheres sejam reconhecidas por suas obras, mas também a necessidade de um rompimento com os próprios métodos da crítica arraigados por um parâmetro masculino.

Seja a escritora, com um cunho feminista ou não em suas obras, ou a crítica literária, ambas surgem como uma forma de se impor e de reinventar as formas epistemológicas em que a crítica literária se fundamenta. A experiência cunhada por Perry reformula justamente tal concepção: a de reafirmar “a autoridade da experiência” (SHOWALTER, 1994, p. 25), trazer à tona o eu, a experiência cotidiana em que Luiza, na presente pesquisa, formula em seus versos.

## REFERÊNCIAS

GINZBURG, Jaime. Autoritarismo e Literatura: a História como trauma. *Revista Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, 2000.

JORGE, Luiza Neto. *Poesia 1960 -1989*. Organização e prefácio de Fernando Cabral Martins, 2ª edição. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001.

KLOBUCKA, Anna. *O formato mulher: a emergência da autoria feminina na poesia portuguesa*. Coimbra: Angelus Novus, 2009.

MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa (Org.). *Dicionário da crítica feminista*. Porto: Edições Afrontamentos, 2005.

MAGALHÃES, Joaquim Manuel. *Os dois crepúsculos: sobre poesia portuguesa actual e outras crónicas*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1981.

MARTELO, Rosa Maria. Um jogo de relâmpagos. MARTINS, Floriano (Org.). *Corpo insurrecto e outros poemas*. São Paulo: Editora Escrituras, 2008.

PERRY, Donna. A canção de Procne: a tarefa do criticismo literário feminista. In: JAGGAR, Alison; BORDO, Susan. *Gênero, corpo e conhecimento*. Tradução de Britta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

ROSAS, Fernando. O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo. *Análise social / ICS*. Lisboa, n. 157, v. XXXV, 2001.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. Tradução de Deise Amaral. In: BUARQUE DE HOLANDA, Heloísa (Org.). *Tendências e impasses - o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1994.

TAVARES, Manuela. *Feminismos: percursos e desafios (1947 – 2007)*. Alfragide: Texto Editores, 2011.

XAVIER, Elódia. Para além do cânone. RAMALHO, Christina (Org.). *Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

ZUIN, João Carlos Soares. A crise na modernidade no início do século XX. *Revista Estudos de Sociologia*. São Paulo, n.11, v. 6, 2001.

*Recebido em: 30/03/2023*

*Aprovado em: 15/06/2023*

*Publicado em: 04/09/2023*



10.29281/r.decifrar.2023.1a\_8